

**PROPOSTA DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES:  
VALORIZAÇÃO DO CONTEXTO CULTURAL, DA  
DIVERSIDADE E DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES  
DA EJA, NA CIDADE DE MANAUS**

PROPOSAL FOR TEACHER TRAINING: VALUING THE CULTURAL CONTEXT,  
DIVERSITY, AND LIFE STORIES OF EJA STUDENTS IN THE CITY OF  
MANAUS

PROPUESTA DE FORMACIÓN PARA DOCENTES: VALORACIÓN DEL  
CONTEXTO CULTURAL, LA DIVERSIDAD Y LAS HISTORIAS DE VIDA DE  
LOS ESTUDIANTES DE LA EJA EN LA CIUDAD DE MANAOS

**Maria Olindina Andrade de OLIVEIRA<sup>1</sup>**

[mariaolindinaoliveira67@gmail.com](mailto:mariaolindinaoliveira67@gmail.com)

Secretaria Municipal de Educação de Manaus

**Carla GONÇALVES<sup>2</sup>**

[carlasantosg.artes@gmail.com](mailto:carlasantosg.artes@gmail.com)

Universidade do Vale do Taquari

<http://lattes.cnpq.br/7555181518048310>

*Submetido 14/11/2023 Aceito 10/09/2024*

**RESUMO:**

O presente artigo tem como objetivo relatar uma proposta de formação continuada, realizada numa escola de EJA da cidade de Manaus, cuja metodologia parte de uma pesquisa realizada com docentes e discentes, buscando, dessa maneira, atender as suas especificidades. Os elementos que nortearam essa proposta foram os princípios da andragogia, o respeito à diversidade, o trabalho com histórias de vida e o contexto sociocultural em que a escola está inserida, além do uso da história oral. Este trabalho resultou na elaboração de um projeto formativo, desenvolvido para atender as demandas

<sup>1</sup>Possui mestrado em História pela Universidade Federal do Amazonas (2010). Atualmente é professor, Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amazonas e Secretaria Municipal de Educação de Manaus.

<sup>2</sup>Mestre em Ciência da Educação/UNIDA-PY; Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior/UNICEL; Licenciada em Educação Artística/UFAM, atua com formação de professores desde 1999 na Secretaria Municipal de Educação de Manaus. Atualmente, trabalha como formadora no Projeto Oficina de Formação em Serviço/OFS que faz parte do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação/LEPETE, da Universidade do Estado do Amazonas.

docentes, e de um projeto de aprendizagem, construído e executado com os estudantes da escola. Outro aspecto importante é que esta formação faz parte do curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente/UEA/Semed.

**Palavras-chave:** Formação continuada. EJA. Diversidade. histórias de vida. contexto cultural

## ABSTRACT

The aim of this article is to report on an ongoing training program, carried out in an EJA (Youth and Adult School) school in the city of Manaus, the methodology of which is based on a research carried out with teachers and students, thus seeking to meet their specific specificities. The elements that guided this proposal were the principles of andragogy, respect for diversity, working with life stories and the sociocultural context in which the school is located, as well as the use of oral history. This work resulted in the development of a training project, designed to meet the demands of teachers, and a learning project, built and implemented with the school's students of the school. Another important aspect is that this training is part of the Postgraduate course in Project Management and Teacher Training/UEA/Semed.

**Key words:** Continuing education. EJA. Diversity. life stories. cultural context.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es informar sobre una propuesta de formación continua, realizada en una escuela EJA (Escuela para Jóvenes y Adultos) de la ciudad de Manaus, cuya metodología se basa en una encuesta realizada a profesores y alumnos, buscando así atender a sus necesidades específicas. Los elementos que orientaron esta propuesta fueron los principios de la andragogía, el respeto a la diversidad, el trabajo con historias de vida y el contexto sociocultural en el que se encuentra la escuela, así como el uso de la historia oral. Este trabajo dio lugar a la elaboración de un proyecto de formación, diseñado para responder a las demandas de los profesores, y de un proyecto de aprendizaje, construido e implementado con los alumnos de la escuela. Otro aspecto importante es que esta formación forma parte del Programa de Postgrado en Gestión de Proyectos y Formación del Profesorado/UEA/Semed.

**Palabras clave:** Formación continua. EJA. Diversidad. historias de vida. Contexto cultural.

O curso de Pós-Graduação Gestão de Projeto e Formação Docente/OFS<sup>3</sup>, realizado pela Universidade do Estado do Amazonas, é oferecido aos professores da rede pública municipal de ensino, por meio de uma seleção interna a todas as escolas da

---

<sup>3</sup> O curso está associado ao Projeto Oficina de Formação em Serviço, do programa de formação continuada da Semed.

Secretaria Municipal de Educação da cidade de Manaus, contemplando Educação Infantil, 1º ao 5º ano, 6º ao 9º ano, Educação Indígena, Escolas da Zona Rural (Rodoviária e Ribeirinha) e Educação de Jovens e Adultos, totalizando nove escolas.

A pós-graduação teve a duração de dois anos (2021-2023) e contou também com a participação de 55 professores egressos, que, por meio de um edital aberto pela UEA, foram selecionados para participarem do curso. Outro aspecto importante diz respeito ao fato de ser realizado em serviço, ou seja, na própria escola; não sendo necessário o docente se transferir para outro local para participar da formação. No que diz respeito à especialização, vale ressaltar que é dividida em três etapas:

(...) a primeira, o **Núcleo Epistemológico**, constitui-se na base teórica do curso; a segunda, o **Núcleo Metodológico**, que se caracteriza pela construção do projeto formativo dos professores e da realização das oficinas programadas resultantes das suas necessidades pedagógicas; e, por último, temos o **Núcleo Experiencial**, que se caracteriza pela construção e execução dos projetos de aprendizagem realizados com os estudantes (OLIVEIRA, GONÇALVES, 2023, p. 289)

No caso específico, relataremos a nossa experiência enquanto formadoras no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos/Cemeja, voltado para o 2º segmento e localizado na Zona Leste de Manaus. O interesse inicial dos professores em participar do curso diz respeito ao fato de buscarem uma formação que atendesse às suas especificidades pedagógicas. Feita a adesão, no primeiro semestre de 2021, realizamos uma pesquisa no contexto escolar antes de iniciarmos a pós-graduação.

Tradicionalmente, o primeiro semestre é destinado à realização da pesquisa qualitativa na escola, com a aplicação de questionários, e que engloba, por exemplo, desde a observação direta da infraestrutura até conversas com o corpo docente, administrativos, estudantes e a comunidade em geral. É importante ressaltar este trabalho, pois os estudos, os projetos formativos e os projetos de aprendizagem partem do contexto e da comunidade escolar em que estão inseridos. Aliás, podemos afirmar que esta característica é o que nos diferencia dos demais cursos de especialização voltados para a área da educação. (OLIVEIRA, SILVA, 2022, p. 234)

Portanto, nós formadores<sup>4</sup>, antes de iniciarmos o curso, já tínhamos realizado vários encontros com a equipe gestora e os professores do Cemeja, ainda que de maneira virtual, pois, devido à Covid-19, não foi possível ter contado com os demais funcionários e os estudantes da escola<sup>5</sup>. Nosso objetivo é relatar a nossa prática formativa vivenciada com esses professores, apresentando principalmente as conexões entre o núcleo epistemológico, o metodológico e o núcleo experiencial, a partir das demandas docentes, da diversidade e singularidades existentes no Cemeja, considerando, da mesma forma, o contexto sociocultural em que a escola está inserida.

No que diz respeito à pesquisa com os professores, realizada no primeiro ano, aplicamos um questionário dividido em duas partes: primeiro, com dados mais informativos; e o segundo, com perguntas subjetivas acerca do seu *métier* e da realidade que vivenciam na escola. Como resultado, conseguimos ter acesso a informações qualitativamente interessantes para o nosso trabalho. Entretanto, era necessário que adotássemos um outro instrumento para aprofundar algumas questões importantes para a nossa pesquisa, o que fez com que elaborássemos uma *carta pedagógica* para os professores e, assim, desenvolvêssemos um diálogo mais produtivo com eles. Para este fim, criamos um email para onde as cartas eram enviadas. É importante destacar o quanto essa iniciativa teve boa receptividade por parte dos professores.

No terceiro encontro com o corpo docente, nós trouxemos o *feedback* das cartas escritas por eles, que relatavam sobre a sua história de vida e profissional, além de suas expectativas em relação ao curso; ao mesmo tempo em que também fizemos a nossa apresentação através de uma carta. Para recepcionar nossos colegas, decidimos sempre realizá-la por meio da adoção de uma *playlist* de músicas, construída de acordo com a temática do encontro. Nesse dia, decidimos que as músicas selecionadas seriam referentes à cultura brasileira, uma vez que identificamos que a maioria dos cursistas era composta por manauaras. Mas havia também colegas de Maragogipe (Bahia), Santarém (Pará), Atalaia do Norte (Amazonas), Parintins (Amazonas) e Juruá (Amazonas). Com o objetivo

---

<sup>4</sup> Nessa época a equipe de formadores era composta pelos professores Maria Olindina Andrade de Oliveira, o professor Therêncio Corrêa da Silva (que atuou apenas em 2021) e a professora Carla de Souza Santos Gonçalves.

<sup>5</sup> Sobre esta experiência, sugerimos a leitura do nosso artigo “A síndrome e os desafios na formação de professores em uma escola de EJA, na cidade de Manaus: momentos de incerteza, superação de obstáculos e novas aprendizagens” (OLIVEIRA, SILVA, 2022)

de nos conhecermos cada vez mais, também selecionamos uma música de cada lugar, o que trouxe à tona lembranças e socialização de memórias afetivas desses lugares.

De maneira geral, no primeiro ano do curso (núcleo epistemológico), trouxemos o perfil social, econômico e cultural dos professores, como também o seu entendimento sobre o que é ser professor, especificamente do Cemeja. Desde o nosso primeiro encontro, os professores cursistas ficaram bastante satisfeitos em terem as suas falas, as suas ideias, expostas e discutidas no grupo e, mesmo sem colocar os nomes dos autores, faziam questão de se identificar, identificar o outro e justificar as suas ideias.

Gostaríamos de ressaltar que, durante todo o curso, buscamos desenvolver uma relação dialógica com os professores, em que a arte da escuta está intimamente associada com a arte de saber realizar as perguntas necessárias para o êxito da pesquisa. Por outro lado, é importante estarmos conscientes de que é uma relação que exige respeito pois nem sempre nossos entrevistados têm interesse em respondê-las ou coincide com aquilo que eles querem contar. Nesse sentido, compreendemos que trabalhar com fontes orais, como bem afirma Alessandro Portelli, constitui-se numa troca de olhares que requer abordagens e procedimentos específicos: “as fontes orais são utilizadas como o eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo, moldam a própria agenda do historiador”. (2016, p.09-10)

Portanto, Portelli afirma que “a história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações” (2016, p. 12), entre elas, aquela em que não há lugar para a autoridade e a hierarquia, pois o pesquisador deve estar disposto a aprender com o narrador, a ouvir o que ele tem a dizer, em aceitar o outro (que é diferente de mim). Para o autor, “não existe uma relação de mão única entre o observador e o observado. O observado também nos observa e nos julga a partir de comportamentos dos quais sequer estamos conscientes” (2016, p. 14-5). Todos esses aspectos foram considerados por nós formadores. Por isso, desde o início em nossos encontros formativos, decidimos compartilhar nossas *histórias de vida* junto as atividades que eram postas e respondendo as *cartas pedagógicas* escritas por nossos colegas, colocando-nos, dessa maneira, no mesmo patamar, nunca acima deles.

A nossa pesquisa<sup>6</sup> também revelou o perfil social, econômico e a diversidade cultural dos estudantes da EJA, da comunidade em que a escola está inserida, a realidade que estávamos vivendo e seu impacto na educação. Quais as concepções de currículo, de escola, de conhecimento, de professor, de cultura, de estudante dos docentes do Cemeja? No nosso entendimento, esse aspecto é essencial para o reconhecimento da diversidade cultural humana em contraposição à tradicional política cultural homogeneizadora realizada pelas elites brasileira. Essa diversidade, como bem afirma Miguel Arroyo, está presente no espaço escolar (ainda que de forma oculta) com “seus rostos, suas memórias, suas lutas e suas identidades coletivas”, ou seja, “são sujeitos de história, de culturas, valores e conhecimentos e exigem reconhecimentos” (2013, p. 147).

Ao serem questionados sobre como percebem a diversidade cultural dos seus estudantes no cotidiano da escola, responderam: “*nós professores temos observado que as salas de aula foram preenchidas com estudantes dos mais variados lugares representando grupos culturais diversificados. Visto que essa clientela trouxe uma grande heterogeneidade, ou seja, uma grande mistura de pessoas diferentes, nos quais professores e estudantes vivenciam experiências no modo de falar, faixa etária diferente, etnia e experiências profissionais diversificadas, estilo de vida, moda, etc*”, no caso específico, estavam se referindo à vinda de estudantes do interior do Amazonas, de outros Estados e até mesmo de outros países como haitianos e venezuelanos.

Os professores também comentaram acerca das tensões oriundas da inserção de jovens nas classes de EJA a partir dos 15 anos “*pois são vistos pelos adultos como pessoas sem expectativa de futuro e que interferem no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares. Na sala de aula, podem ocorrer conflitos, pois os mais idosos sentem dificuldades em responder os questionamentos do professor com maior rapidez, os jovens apresentam mais destreza em responder os questionamentos. Os idosos também se incomodam com o barulho que os mais jovens possam vir a fazer, pois eles não têm o mesmo tipo de concentração dos mais jovens que conseguem fazer várias atividades ao mesmo tempo...*”. Tudo isso se constitui num grande desafio para os docentes, “*visto que a preparação da aula para esses estudantes mais jovens e para com os de mais idade*

---

<sup>6</sup> Por causa da covid-19, só foi possível realizar a pesquisa com os estudantes em 2022.

*deve ser preparada com criatividade, traçando estratégias que facilitem o ensino e a aprendizagem de forma mais satisfatória e significativa”.*

Além disso, os professores acrescentaram as dificuldades existentes na leitura e na escrita numa turma tão diversa. Essa “*heterogeneidade*” faz com que os discentes tenham “*dificuldades em discutir determinado assunto com os outros colegas*”, o que complica o processo de ensino e aprendizagem e faz com que os docentes anseiem pela “*homogeneidade*” da turma. Mas, ao mesmo tempo, sabem que esta homogeneidade não existe: “*eles possuem entendimentos, posicionamentos, culturas e conhecimento de mundo diferentes entre si*”. E, por fim, destacaram também a presença de estudantes “*que estão sob a liberdade assistida, ou seja, estão na escola por obrigação, não querem estudar e muito menos com pessoas idosas*”. Portanto, compreendemos que é de fundamental importância que os professores reconheçam as relações desiguais de poder existentes entre culturas diversas e como este aspecto está presente no currículo de forma que seja possível a criação de alternativas pedagógicas nas salas de aula. Para isso, reiteramos em nossas formações o quanto a sala de aula sempre será espaço de tensões e conflitos, devido à complexa relação existente entre sociedade e escola.

Em tempos de Covid-19, os docentes destacaram em nossas formações os problemas vivenciados por eles, como: o distanciamento físico e virtual do professor em relação ao estudante, o problema do desemprego e da informalidade e da precarização da vida econômica e social, a fuga dos estudantes para o interior na ânsia de não serem alcançados pela doença, as pressões institucionais em cima dos professores, o silenciamento e não retorno dos estudantes à escola, as mudanças ocorridas no currículo, no perfil docente e nas práticas pedagógicas, tudo isso gerado pelo medo da morte promovido por um evento mundial que impactou grandemente a cidade de Manaus.

Nesse sentido, é importante contextualizarmos o Centro Municipal de Educação de Jovens Adultos<sup>7</sup>, “o único existente na cidade de Manaus que possui, entre outros

---

<sup>7</sup> “Mais o que destaca o Cemeja em relação as outras escolas de EJA é o fato de que, no turno noturno, ele funciona de forma semipresencial: presencialmente, 4 turmas vão às segundas/quartas e mais 4 turmas às terças/quintas; nos demais dias o ensino se faz à distância com os estudantes utilizando um portal desenvolvido pelos próprios professores, através do qual têm acesso a uma série de atividades. Vale ressaltar que mesmo sendo um ensino semipresencial os estudantes mantêm um acesso diário com o corpo docente da escola, seja presencial ou à distância. Às sextas-feiras são destinadas ao planejamento, formação, reuniões etc. Esta característica, segundo o gestor, é o principal atrativo para o Cemeja ser bastante procurado e ter suas salas constantemente lotadas, contribuindo também para pouca evasão escolar”. (Oliveira, Silva, 2022, p. 238-239)

aspectos, o diferencial de ser totalmente voltado ao ensino da EJA” (Oliveira, Gonçalves, 2023). Localizado na zona leste, a maior em extensão e população e que, junto com a zona norte, formam a maior área populacional da cidade (99,9% dos estudantes moram nesta macrozona), área com graves problemas sociais e econômicos. De acordo com a nossa pesquisa realizada em 2022 com os estudantes:

Essas regiões possuem áreas residenciais e comerciais, e seus moradores são compostos majoritariamente por trabalhadores de baixa renda. Essa realidade torna-se mais difícil se considerarmos que apenas 14,6% possuem carteira assinada, e mais de 80% atuam na informalidade: por exemplo, no trabalho doméstico (diarista), com vendas e serviços (pintor, encanador, ajudante de pedreiro, eletricitista, etc), sendo que 25% vivem com menos de um salário mínimo, e a maioria apenas com um salário (cerca de 37,5%). (OLIVEIRA, GONÇALVES, 2023, p. 291).

Tudo isto fez com que os professores refletissem acerca do seu trabalho no Cemeja, ou seja, sobre o fato de atuarem na Educação de Jovens e Adultos, pois, como bem afirmou um docente, quando iniciou na EJA, *“não tinha ideia de como era trabalhar com este público específico, muito menos sabia das dificuldades e desafios que eles enfrentavam para retornar à escola depois de tanto tempo sem estudar”*. Todos esses aspectos, além de outros, constituem-se no *“mal-estar da docência”*, aqui compreendido como próprio do nosso trabalho e, principalmente, de quem atua na EJA, pois, como expôs um professor cursista, *“por cada aluno que entra, temos que adequar ou readequar nosso modo de ensinar. Salas lotadas com vários níveis de aprendizagem, idades e trajetórias educacionais. Ressalto que nosso cotidiano escolar é recheado com diferentes tipos de vivências, a exemplo disso, temos adultos com 17 anos em salas com senhores e senhoras de 50 anos”*.

Também verificamos que outros docentes tinham plena consciência dos problemas sociais vivido pelos discentes e que foi exposto da pior maneira possível no período da pandemia. *“Baixo poder econômico, autônomos, desempregados, sem tempo para acessar redes sociais e tecnologias”*. No período pandêmico, o celular passou a ser sinônimo de sobrevivência (para quem possuía), pois muitos foram trabalhar como delivery, e não era possível utilizar seus dados móveis para fazer tarefas escolares a

distância. Essa realidade sempre existiu. A Covid-19 apenas agravou essa situação, como bem salientou um professor: *“Um dos principais problemas é o social, por serem assalariados, autônomos, muito desempregados, na época presencial muitos alunos não iam para escola por não ter dinheiro para passagem de ônibus, sem ter ninguém para acompanhar os filhos em casa. Isso reflete na questão da evasão escolar, desistência dos alunos.”*

Finalizada essa primeira parte da formação, fizemos o seguinte questionamento: Os professores percebem a diversidade cultural dos seus estudantes no cotidiano da escola? Quais são? Para responder essa questão, dividimos os docentes em equipes e solicitamos que escolhessem uma turma onde iriam entrevistar os seus estudantes, pedindo que narrassem as suas histórias de vida<sup>8</sup>. O retorno foi muito interessante, pois os cursistas tiveram a oportunidade de interagir com os discentes e, principalmente, de perceberem a diversidade de seu público. Um professor foi surpreendido, por exemplo, ao constatar a presença de um transexual que, até então, tinha passado despercebido; até aquele momento, era apenas mais um estudante em sua turma. Depois de conversarem com a aluna, os professores refletiram sobre a importância *“de se colocar na situação do outro é uma boa forma de superar os preconceitos de maneira que uma atitude às vezes simples como escrever o nome feminino, porque é a preferência da aluna, ao lado do nome masculino de batismo, porém acertada no sentido de dar validade para alguém que acredita naquela possibilidade como forma de sair de sua invisibilidade e ser notada como pessoa, digna de ser compreendida, se fazer escutar e ser aceita como pessoa que ela é, e não como a pessoa que os outros veem e assim se sentir plena como ser humano”*

Mas o que saltou aos nossos olhos foi a história de um estudante, aqui nomeado como Manoel, que, por algum motivo, foi entrevistado por várias equipes e, por isso mesmo, passamos a ter uma visão mais completa de sua história de vida. Dessa forma, decidimos sintetizá-la e utilizá-la em nosso encontro formativo com os professores.

---

<sup>8</sup> As questões foram as seguintes: Nome, idade, onde mora; quanto tempo você ficou fora da escola? Por que você abandonou os estudos? Por que resolveu voltar? Por que escolheu o Cemeja para estudar? Quais os seus sonhos? Como a pandemia afetou a sua vida?

*O aluno Manoel nasceu no dia 03/05/1988, na Praça 14. A mãe dele trabalhava no Hotel Solimões, e seu pai era feiticheiro da cidade de Codó-MA. Morava no Educandos, mas hoje mora no Jorge Teixeira. Local onde viveu boa parte de sua vida e por este motivo, acreditou durante sua juventude que o tráfico de drogas seria a opção mais viável, apesar de ter tido várias oportunidades que seu “pai de criação” – que é homossexual – lhe deu, chegando a pagar escolas particulares, todavia não acreditava nos estudos. Queria ser “dono da facção, ser líder”. Com o tempo, entendeu que nessa vida só tinha dois caminhos, “cemitério ou cadeia” e foi abandonando até que conheceu a sua esposa. A esposa dele é administradora e insistiu, convencendo-o a voltar aos estudos. Ele disse que está estudando para melhorar a sua vida e da sua família. Entende que essa é uma necessidade cobrada pelo mercado de trabalho. Atua como almoxarife na transportadora Suporte Logística, mas gostaria de trabalhar na área de logística. Aliás, atuar nessa área é o seu sonho e para isso quer fazer a faculdade de logística. Aprendeu a ler com 16 anos. O primeiro trabalho que teve foi em 2011 quando teve sua filha com a atual esposa. Trabalhou duro, vendendo bala no sinal. Tem carteira de motorista AB e também atua como empilhador. Hoje em dia ele é evangélico, mas é muito eclético em seu gosto musical. Trabalha descarregando caminhão em uma grande rede de supermercados e, muitas vezes, em sala de aula, confessou que estava muito cansado devido a atividade diária ter sido pesada. Mas dificilmente falta as aulas, vindo muitas vezes direto do trabalho com vestimenta da empresa. Entende que se sair da empresa hoje terá uma vida difícil. Ele tem dificuldades muito básicas de escrita. Durante as aulas, a professora precisa fazer um atendimento diferenciado para ensiná-lo a não misturar a grafia cursiva com as letras de forma, a posicionar as frases de forma que ocupem as linhas do caderno até o fim, a organizar a margem.*

Em nossa formação, trabalhamos com a história de Manoel discutindo os seguintes aspectos: primeiro, destacamos o seu perfil social, afrodescendente, filho de um “feiticeiro” maranhense (talvez pai de santo), cuja mãe morava num bairro tradicional formado por ex-escravos e seus descendentes, berço do samba da cidade de Manaus. Mesmo assim, o estudante ressaltou na conversa com os professores que não conviveu com seus pais e foi criado por um pai adotivo. Nossa primeira proposta era de que os cursistas identificassem os “caminhos” que retiraram o estudante da escola, uma vez que

ele tinha um razoável padrão de vida, pois teve a oportunidade de estudar em escola particular. Ficou óbvio que o principal foi o atrativo financeiro e o poder que está associado às drogas. Em nossa trajetória das OFS em outras escolas, essa é uma questão que infelizmente está muito presente entre os jovens. No caso de Manoel, ele tinha todas as condições para atualmente estar muito bem social e economicamente, mas que, por uma decisão errada na juventude, aos 35 anos ainda não terminou seus estudos. Foi uma discussão bastante interessante que tivemos com os professores, pois percebemos que Manoel estava fora do perfil do estudante que nunca teve oportunidade de ir para a escola ou que, por algum motivo (por exemplo, sustento da família), foi obrigado a desistir dela.

Por outro lado, também refletimos acerca dos fatores que fizeram com que decidisse retornar à escola. Primeiro, o estímulo de sua atual esposa, mas principalmente o sonho de fazer uma faculdade. Da mesma forma, discutimos sobre as reais possibilidades de Manoel novamente desistir de seus estudos, pois destaca em sua história o cansaço que sente depois de passar o dia descarregando produtos no trabalho, o que dificulta a sua aprendizagem e do medo de ser demitido. No dia da formação, soubemos que esse medo se concretizou e que ele não estava mais trabalhando, o que causou grande comoção entre os cursistas, pois ele tinha comentado que, caso isso acontecesse, não iria mais para a escola. Mas logo em seguida, a professora de português disse que ele já tinha sido recontratado pela mesma empresa, só que agora com um salário inferior e que, por necessidade, aceitou.

Todas essas questões foram impactantes para nós professores, pois percebemos o quanto é importante conhecer a história de vida de nossos estudantes em vez de estarmos apenas preocupados em “dar” nossos conteúdos; mais ainda, de ir além do que já sabemos sobre o perfil social e econômico dos estudantes da EJA. A história de Manoel trouxe a consciência de que não há garantia de que os discentes, mesmos matriculados, permaneçam na escola, ou mais ainda, finalizem os seus estudos, pois qualquer motivo que ameace a sua sobrevivência, pode resultar em sua desistência. O principal mérito desta formação, com certeza, foi a construção de um novo olhar, não apenas para Manoel, mas também para o restante dos estudantes, e da necessidade de uma nova postura docente e de suas respectivas práticas.

Em 2022, a proposta do curso era a elaboração de projeto formativo (núcleo metodológico) para atender as demandas dos professores da Cemeja, no caso específico, voltado para o problema do Letramento com foco na educação presencial e a distância, mas considerando as narrativas, o contexto escolar e a comunidade em que a escola está inserida, além do uso de novas tecnologias na educação. Isso porque

nas discussões realizadas no processo de construção do projeto formativo, os professores destacaram, em primeiro lugar, o problema do letramento, que diz respeito à dificuldade dos alunos no processo de leitura e interpretação de texto, além, é claro, da escrita. (...). Portanto, os professores são oriundos das diversas licenciaturas e, por conseguinte, não tiveram em sua formação inicial contato com a temática da Alfabetização e Letramento, típica da Pedagogia e, por isso mesmo, solicitaram no projeto formativo o estudo desses conceitos. (OLIVEIRA, GONÇALVES, 2023, p. 291)

Outro aspecto discutido no projeto foi a diversidade do público da EJA. Em nossa pesquisa, estudantes do turno noturno, constatamos que a maioria é composta por jovens e adultos (público-alvo da nossa pesquisa), ao contrário do diurno, formada por adolescentes. Muitos são trabalhadores, pais, mães, avós, avôs, que retornaram para a escola devido às exigências do trabalho, mas temos também aqueles que, quando criança, não tiveram oportunidade de estudar e que decidiram ir à escola depois de adultos. Em relação a esse aspecto, observamos que

(...) muitos estudantes estão há muito tempo afastados da escola, pois 96,3% disseram que, em algum momento de suas vidas, já tiveram de desistir, sendo que a maioria afirmou que está entre 1 e 5 anos sem estudar (37,5%), seguido por aqueles que estão entre 6 e 10 anos (20,3%) e os que estão entre 11 e 15 anos fora da escola (10,9%). Como desenvolver práticas metodológicas que atendam às necessidades pedagógicas de um público tão específico? Eis a questão posta por nossos professores. (OLIVEIRA, GONÇALVES, 2023, p. 293)

Como resultado, o projeto formativo elaborado contemplou as seguintes oficinas: Oficina de Formação de Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação, Oficina de Formação Interdisciplinar de Alfabetização e Letramento Oficina de Metodologias de

EJA/2º Segmento, Oficina de Metodologias de EJA/2º Segmento. No caso específico, vamos tratar primeiramente desta última, realizada em duas partes: inicialmente trabalhando com as histórias de vida dos professores e voltada para o ensino da Língua Portuguesa. Nesta primeira etapa,

destacou-se que o objetivo da formação era trabalhar com a narrativa oral, que, no processo de letramento, envolve o desenvolvimento da expressão oral; ao mesmo tempo que favorece a capacidade de ouvir o outro. Ao contar a sua história, o indivíduo também constrói mental e oralmente um texto que tem início, meio e fim, essencial para a elaboração posterior da narrativa escrita. Essas histórias narram suas experiências de vida, que são fundamentais para o professor, a partir delas trazer o conteúdo de suas disciplinas, pois, é a partir da troca de conhecimentos, que jovens, adultos e idosos aprendem. (OLIVEIRA, GONÇALVES, 2023, p. 294)

Já no segundo momento, foi trabalhado na oficina de metodologia as histórias de vida de quatro estudantes do Cemeja, sintetizadas a partir das conversas que tivemos com eles, das quais foram propostas atividades também voltadas para o ensino da Língua Portuguesa. A socialização dessas histórias impactou sobremaneira os professores, colocando em foco a importância do estabelecimento do diálogo entre docentes e discentes para as suas práticas pedagógicas, “tendo em vista que não podemos desprezar as dificuldades que esses estudantes enfrentam para voltar aos seus estudos, pois encontram muitos obstáculos em conciliar estudo, trabalho e família.” (Oliveira, Gonçalves, 2023, p.295).

Ao conversar com os estudantes, identificamos que muitos também retornaram à escola devido a algum acontecimento marcante em suas vidas, como uma separação ou divórcio; para superar problemas relacionados como a de algum tipo de vício (drogas lícitas/drogas ilícitas), depressão ou violência doméstica; outros, apenas para realizar seus sonhos de terminar seus estudos e/ou fazer um curso superior e, principalmente, conseguir um bom emprego. Para os professores, o grande diferencial da EJA encontra-se exatamente no fato de que os estudantes acreditam que os estudos podem trazer melhorias para a realidade em que vivem. Além de serem sujeitos que chegam à escola repletos de

saberes, experiências, ainda que muitos não reconheçam e não se sintam valorizados. Por isso, concordamos com Heloísa Carreiro quando afirma:

O que podemos dizer é que essa modalidade educativa precisa ter um desenho pedagógico próprio, com rotinas e currículos que considerem as particularidades dos estudantes trabalhadores. Também requer investimentos formativos no corpo docente para que este entenda e dialogue com as particularidades dos estudantes da EJA (CARREIRO, 2021, p. 168)

Para isso, é fundamental que os professores tenham conhecimento acerca dos princípios básicos da andragogia para fundamentarem as suas práticas e tenham um novo olhar sobre o currículo. Esses princípios são: propósito, autonomia, experiência, motivação, utilidade do conhecimento adquirido e incentivo. Em outras palavras, “para compreender a existência da andragogia, é importante olhar para o processo de ensino e aprendizagem sob o ponto de vista do aluno” (Munhoz, 2017, p. 22), o que requer, portanto, uma nova postura docente.

Na Oficina de Alfabetização e Letramento, além de discutir sobre os conceitos, trabalhamos com atividades englobando todas as áreas do conhecimento, tendo como ponto de partida o bairro em que está inserida a escola: foram apresentadas imagens do Cemeja e de seus estudantes, do Shopping Circular, o Hospital Platão Araújo, a feira com seus alimentos e produtos típicos, além da principal avenida do bairro, sempre movimentada, com suas lojas e ambulantes. Os professores foram divididos em grupos de acordo com a sua área de conhecimento (Linguagens, Matemática e Ciências Naturais, Ciências Humanas) e a formadora fez as seguintes orientações:

a partir das fotos, que conteúdos escolares podem ser trabalhados com os estudantes? Solicitou que definissem uma temática. Após essa etapa, foi proposta a seguinte questão: que atividades podem ser feitas considerando as oficinas realizadas na perspectiva do letramento, de acordo com as necessidades de leitura e escrita de cada disciplina? Os professores discutiram as questões em seus respectivos grupos e, em seguida, fizeram a socialização da atividade com muita leveza, demonstrando conhecimento prático e criatividade na integração do tema com sua área. (OLIVEIRA, GONÇALVES, 2023, p. 296)

Todo esse processo vivido no ano de 2022, de elaboração e execução do projeto formativo, foi essencial para que os professores cursistas se preparassem para a última etapa do curso de pós-graduação que foi a elaboração e a execução do projeto de aprendizagem com os estudantes (núcleo experiencial), ocorrido em 2023. Três turmas participaram desse processo, sendo que relataremos apenas o projeto de aprendizagem realizado pelos estudantes da 5ª fase A, cuja temática escolhida foi: *Meio Ambiente: os efeitos do Ambiente no Corpo Humano*. Esse trabalho foi coordenado pela professora da turma, com formação em Ciências Biológicas, e teve a participação de outros professores cursistas formados em Matemática, Geografia, Pedagogia, Ciências Biológicas e Educação Física, cujos conhecimentos foram muito importantes para a elaboração e execução do projeto.

Num primeiro momento, foi feita a sensibilização da turma: partindo de uma conversa informal, os discentes escolheram os assuntos a partir do tema geral (Meio Ambiente). Os assuntos escolhidos foram: depressão, drogas lícitas e ilícitas e exercício físico. Finalizada essa primeira etapa, os professores decidiram iniciar as atividades realizando a aplicação de um questionário que teve como objetivo conhecer as suas dúvidas e ter uma noção de seus conhecimentos prévios sobre os assuntos. Desta forma, poderiam, mais tarde, avaliar o seu processo de aprendizagem mediante os conhecimentos científicos adquiridos a partir das ações realizadas.

Os professores iniciaram trabalhando o conceito de depressão, e explicando “*como o nosso sistema nervoso reage e as possíveis causas da depressão, ao mesmo tempo em que os alunos relatavam situações pessoais e as dificuldades em ter o apoio da família e amigos*”, gerando emoções e empatia dos colegas. Foi também solicitado aos estudantes que pesquisassem sobre o assunto e, como resultado, trouxeram músicas, pinturas e charges, a partir dos quais os professores fizeram uma comparação entre os relatos pessoais dos estudantes com as representações dos artistas. Desta forma, os discentes identificaram, por meio de frases e palavras, semelhanças nas músicas de artistas e famosos com os relatos pessoais.

*São seis horas da manhã e eu acordei. Olhos inchados, porque ontem eu chorei. E o motivo disso tudo, eu já nem sei (Rap Depressão do VMZ); Não*

*conseguia dormir, por isso lavava roupa à noite e fazia outras coisas. Eu só vivia chorando, não sentia vontade de comer, não me arrumava, não tinha vontade de nada mesmo (aluna, 35 anos)*

Em um outro momento, foi realizada uma dinâmica, denominada A Árvore da Vida, em que os estudantes foram orientados a escreverem palavras de negatividade (folhas marrons) e palavras de ânimo e incentivo (folhas verdes). As palavras de negatividade escritas foram: medo, tristeza, ódio, raiva, erros, fracasso, dificuldades, depressão, infelicidade, problemas; e as palavras de ânimo e incentivo foram: paz, alegria, aceitação, resistência, viver, felicidade, amor, saúde, capaz, foco, esperança e coragem. Essa atividade fez com que os estudantes percebessem que é mais comum a pessoa que sofre de depressão receber palavras negativas e que muitos acabam se acostumando com esse tratamento, podendo, até mesmo, a receber agressão verbal e física.

No que diz respeito às drogas lícitas e ilícitas, os professores trabalharam conceitos importantes como drogas, dependência química, tolerância, overdose, drogas lícitas e ilícitas e efeitos da abstinência sobre o corpo. Da mesma forma, muitos estudantes compartilharam suas histórias e perceberam a importância do apoio da família, amigos, tratamento médico e psicológico para a superação do vício. Também foi feito um comparativo entre as suas histórias com as representações de alguns artistas, como Bryan Lewis Saunders, que pintou seu retrato sob o efeito de uma droga diferente a cada dia.

*Eu era viciada em vários tipos de drogas e, por isso, roubava as coisas dos outros, mas Deus me livrou do fundo do poço e hoje sou outra pessoa. Foi muito difícil me livrar das drogas, eu coloquei na cabeça que precisava mudar de vida e parar de usar drogas. Com o apoio da minha família e, principalmente, dos meus netos consegui me reerguer. Coloquei na minha cabeça que eu não iria mais ficar nessa vida. Já estou há 7 anos sem fumar e sem beber. Essa vida de vício não é mais para mim. Hoje estou bem, na presença de Deus, com minha família, meus filhos e netos. Trabalho e ganho meu dinheiro, sou independente. Hoje eu vivo feliz, alegre. Agradeço muito a Deus por ter me tirado daquela vida.*

E, por fim, o professor cursista de Educação Física fez uma atividade com a turma voltada para a importância do exercício físico na vida das pessoas, voltado para o bem-

estar físico, saúde mental e a autoestima do indivíduo e, para isso, utilizou um jogo da franquia *Just Dance Now*, versão gratuita. O seu principal objetivo era despertar o interesse e o gosto pela prática do exercício físico. No final, podemos afirmar que a metodologia desenvolvida pelos professores para trabalhar as três temáticas alcançou o seu objetivo, a partir do *feedback* de um estudante:

*Eu conhecia um pouco sobre a depressão, mas eu não sabia sobre os sintomas, como ela deixava as pessoas. Através desse estudo, eu comecei a perceber que o filho da minha prima estava sofrendo de depressão. Estava se mutilando, usando drogas escondido, para esconder aquela tristeza e sofrimento. Achei muito interessante os assuntos. Foi importante saber sobre a depressão e as drogas, porque é sempre bom saber quando as pessoas estão doentes. Sobre a depressão, muitas coisas eu não entendia. Achava que era frescura e agora eu sei que é uma doença. Eu não sabia que a depressão tinha vários sintomas. Sobre o exercício físico, eu nunca tinha participado de um jogo de dança. Foi muito legal. Amei muito, gostei das apresentações de dança. Foi maravilhoso.*

Os professores cursistas perceberam que a metodologia de projeto de aprendizagem “favorece a autonomia e a colaboração entre os alunos”, tornando-os “protagonistas do processo de ensino e aprendizagem”. Principalmente, que “proporciona esses momentos de reflexão da práxis docente, mostrando-nos que podemos incluir em nosso cotidiano novas formas de envolvimento dos educandos com os conteúdos do currículo”. Para isso, é necessário também que o professor esteja disposto a participar desse processo de aprendizagem nas aulas. Nesse sentido, os professores cursistas concluíram:

*Dessa forma, aplicar novas metodologias baseadas nos questionamentos dos discentes, além de ser inclusivo, nos permitiu, como professores, um grande aprendizado. Aprender a ouvir o que os alunos querem desenvolver e compreender a partir de suas vivências e bagagens carregadas com saberes admiráveis, é possível fazer ponte com o currículo escolar e assim proporcionar uma educação de qualidade, onde o educando fará diversas conexões com o cotidiano. Logo, se faz necessário fomentar práticas pedagógicas que atendam às necessidades da educação de jovens e adultos, valorizando seus conhecimentos e renovando as perspectivas.*

## Conclusões

A metodologia adotada durante todo o curso de Gestão de Projetos e Formação Docente, no caso específico para o ensino da Educação de Jovens e Adultos, teve como principal característica o trabalho com histórias de vida, a diversidade e os saberes discentes, considerando os princípios da andragogia e o contexto cultural em que a escola está inserida.

Iniciamos a especialização buscando conhecer a realidade da escola, para atender as demandas docentes que, até então, não recebia por parte da Secretaria uma formação voltada para a EJA. As oficinas oferecidas, a partir da elaboração do projeto formativo realizado pelos professores, tiveram como objetivo responder as suas necessidades, ao mesmo tempo, que propunha trabalhar com narrativas pessoais, já vivenciadas desde o primeiro ano do curso. Tudo isso visando os projetos de aprendizagem, orientados para que fossem desenvolvidos sob essa perspectiva, além do uso de tecnologias e de atividades voltadas para a problemática do letramento. Concluimos, portanto, que nossos objetivos foram alcançados, principalmente, se considerarmos o comentário da professora da turma que evitava trabalhar com histórias de vida, pois sabia que iria se emocionar e não saberia o que fazer nessa situação. A superação do seu receio e a compreensão de como essas narrativas podem ser utilizadas para a reflexão de sua prática docente trouxe de fato um grande avanço.

Mais ainda, o que está em jogo em todo esse processo é a nossa identidade docente, temática discutida no primeiro ano do curso: o que é ser professor? É o profissional responsável apenas em preparar aulas para ensinar os conteúdos de sua disciplina? Atualmente, como bem afirma Arroyo, vivemos uma crise de identidade e “somos obrigados a mudar nossas práticas e nosso trabalho, somos levados a repensar-nos em nossas identidades profissionais” e, isso “vem do convívio com os alunos com que trabalhamos” (2013, p. 23-24). Em outras palavras, é necessário mudar a nossa relação com os estudantes, ter um novo olhar sobre eles, pois, sem sombra de dúvida, a sua história de vida, a situação social e econômica dos discentes afetam as nossas atividades docentes. Compreendemos que ela é determinante para as tensões que

vivenciamos em sala de aula, trazendo irremediavelmente reflexões acerca da função da escola, da docência, das didáticas e dos currículos (Arroyo, 2013, p. 29). Portanto, o foco agora não são mais os conteúdos e, sim, os estudantes. Como bem afirma Miguel Arroyo

São suas formas tão injustas de viver que puxam nossa sensibilidade profissional de educadores (as). Somos suficientemente profissionais para percebermos que os alunos chegam às salas de aula, aos processos de ensino-aprendizagem carregando vidas precarizadas. São ecos de vivências de outros lugares que chegam às salas de aula e nos obrigam a escutá-los, a não abafá-los com nossas lições e nossas didáticas e ameaças de avaliações e reprovações. Novas exigências profissionais que alargam as lutas por direitos. Quando as identidades se alargam, os direitos profissionais têm de ser ampliados. (ARROYO, 2013, p. 29).

Concluindo, o exercício de nosso *métier* exige de nós professores que façamos uma reflexão sobre a nossa prática, além do investimento constante em nossa formação, de maneira a sempre questionarmos a realidade que vivemos, revisando nossas certezas, e construindo novos conhecimentos. Tudo isso, tendo em foco o estudante e a realidade social em que vive. A metodologia de projeto, por sua vez, mostrou ser eficaz para romper com a visão tradicional do estudante da EJA, a saber, calado, inseguro, com grandes limitações de aprendizagem, evidenciando, em seu lugar, um sujeito autônomo, detentor de saberes e práticas e, principalmente, protagonista de seu destino.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis: Vozes, 2013.

CARREIRO, Heloísa Josiele Santos *et al.* Memórias e narrativas: experiências com a leitura e a escrita. In: ALMEIDA, Adriana de (org.). A Educação de Jovens e Adultos entre texto e contextos: trabalho, cultura e experiência. CRV: Curitiba, 2021

MUNHOZ, Antonio Siemsen. Andragogia: a educação de jovens e adultos em ambientes virtuais. Curitiba: InterSaber, 2017.

OLIVEIRA, Maria Olindina Andrade de; GONÇALVES, Carla de Souza Santos. Proposta de formação específica para EJA: uma experiência numa escola de Manaus. In:

DICKMANN, Ivan (org.). Esperançar: criar e recriar a educação. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2023.

OLIVEIRA, Maria Olindina Andrade de; SILVA, Therêncio Corrêa da. A sindemia e os desafios na formação de professores em uma escola de EJA, na cidade de Manaus. In: DICKMANN, Ivan (org.). Educar: práticas, reflexões e partilhas. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2022.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letras e Voz, 2016.